



A PATOLOGIA DO TEMPO: HISTÓRIA E TEMPORALIDADE NA LITERATURA EUROPEIA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Cássio Guilherme Barbieri (apresentador)¹
Fábio Feltrin de Souza²

Resumo: O presente trabalho resulta do projeto de pesquisa, em nível de mestrado, em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul. Este projeto visa analisar, a partir das metáforas da enfermidade, presentes na literatura europeia da primeira metade do século XX, os indícios, explícitos ou implícitos, de uma crise nas relações do indivíduo e da sociedade com o tempo, a história, a temporalidade e a historicidade, e mesmo, das proposições em torno da configuração dessas relações. Objetiva-se, portanto, compreender essas metáforas literárias da patologia enquanto elementos que permitem apreender as problemáticas relações com o tempo e suas formas de compreensão e ordenamento. Tradicionalmente na cultura ocidental a metáfora da doença foi um artifício recorrente na reflexão sobre determinadas épocas ou temporalidades, sobretudo, aquelas caracterizadas pela crise e pelo desastre. Desse modo, a recorrência desse recurso metafórico na literatura europeia, sobretudo na primeira metade do século passado, é duplamente intrigante. Primeiramente por renegar ou colocar em questão a crença positiva no progresso como devir da história, característica do século XIX, e da própria Modernidade, ou de uma de suas faces mais conhecidas, pois essas metáforas em seu aspecto, a um primeiro olhar, um tanto anacrônico, parecem reconhecer a falência ou ao menos a crise da ordem moderna da historicidade, na qual predominaria em uma temporalidade linear, homogênea e contínua, orientada pela dimensão temporal do futuro. Num segundo momento, essa presença “fora do tempo” – se considerarmos tais metáforas desde uma perspectiva temporal moderna –, conduz nossa problemática tanto na contramão de certas formas, muito em voga, de análise das crises das formas socialmente predominantes da historicidade – segundo as quais tais contestações se exprimiriam em termos de uma dupla impossibilidade: do retorno e da transição ao novo –, quanto no questionamento da forma homogênea e “presentificadora” de concebermos a historicidade. Nossa abordagem, portanto, estabelece um duplo questionamento ante a emergência, ou, mais precisamente, as sobrevivências sintomáticas das metáforas patológicas na literatura europeia

1 Graduado em História e mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, contato: cassiobarbieri@hotmail.com.

2 Doutor em História, Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, contato: fabio.souza@uffs.edu.br.



contemporânea, explorando, por um lado, sua condição de indício ou sintoma da crise da modernidade, ou, de modo mais preciso, de seu regime de historicidade, da ordem temporal moderna, e, por outro lado, problematiza, a partir da sobrevivência dessas metáforas, tanto a homogeneidade da ordem temporal moderna, quanto uma forma de análise da historicidade centrada em um presente e em uma concepção de sujeito unitário organizador da temporalidade. Desse modo, para além de sintomática da crise, a metáfora patológica pode ser indício de uma heterogeneidade de temporalidades, e da própria historicidade, que pode ser mensurada em termos de montagens e heterocronias.

Palavras-chave: Historicidade. Literatura. Metáforas patológicas. Anacronismo. Historiografia.

Categoria:

Área do Conhecimento:

Formato: